

8861 135
AVL P2

No "over" ou na Suíça?

ALOYSIO AZEVEDO

Resposta a virgula que mais parecia um cifrão do que uma virgula, está concluída a primeira fase do maior e mais importante de todos os pactos, o PACTO CONSTITUCIONAL. Uma verdadeira obra de arte política! Os constituintes decidiram, soberana e sabiamente, que o velho Estado colonial brasileiro é o grande obstáculo à modernização do País e estabeleceram o processo do seu desmonte. Desafio as mentes mais colonizadas entre as nossas a encontrarem no mundo construção mais engenhosa!

Primeiro, expuseram no pacto as relações estatais coloniais na sua expressão atual, chegando ao "nu explícito" quando anistiarão a própria maioria parlamentar — direta ou indiretamente — dos compromissos assumidos com a rede bancária, no período do cruzado. No capítulo, criou-se até uma creche para os agricultores pecuaristas e mineradores, setor primário da economia e das capitâneas hereditárias. Para esses empresários (seria mais correto colocar esses empresários entre aspas), o Estado se transforma em verdadeira "babá". Privilégios, favores e proteção de toda a ordem. Recado do constituinte: "Precisamos de comida. Quem for para o campo ficará rico". "(Eu só não entendo por que a Paranapanema entrou nessa, porque brasileiro não come estanho!...) Mas convenhamos que é preciso ter coragem..."

Depois de desenhar tão claramente as velhas relações de poder, condenou e puniu o patronato em sua avidez histórica, responsável por uma tal concentração de rendas que tornaria — caso não fosse desestimulada —, impossível a civilização do País. Com efeito, a pouco inteligente elite brasileira (e digo pouco inteligente porque muito talentosa e carente de dignidade) soube combinar o uso de privilégios com o trabalho servil, agregando no gerenciamento a arte de se antecipar para desmobilizar. Com isso foi retardado o nascimento do trabalhador livre no Brasil e, por conseqüência, o empresário civilizado. Liquidou-se então a velha estrutura sindical paternalista, formalista e burocrática, não deixando ao trabalhador outra opção que não fosse reconstruir em seu lugar uma organização necessariamente forte. E, de quebrado, concedeu à maioria empregada um elenco de direitos e vantagens elementares. Resgatou-se a nódoa passada e colocou-se a Carta Magna junto ao coração dessa gente. Beleza!

Muitos poderes do Executivo, desse Executivo hipertrofiado, foram cedidos ao Legislativo e Judiciário por um lado, bem como à Federação e aos municípios por outro lado, descentralizando até bem próximo dos particulares a gestão da coisa pública. Ao cidadão entregaram-se inúmeros instrumentos de defesa contra a sanha do Estado, todos eficazes. Não será fácil ao velho Estado, mergulhado numa crise geral de identidade e numa crise particular moral e financeira, não será fácil a esse Estado envelhecido e envilecido restaurar o seu papel de algoz do brasileiro comum.

Nem mesmo a nova Constituição foi promulgada e percebe-se a fragilidade do Estado em relação à sociedade civil. Estamos na ofensiva nitidamente. O que é a operação de desmonte orçamentário senão um pacto descentralizador da administração pública e capaz de criar aqui e ali núcleos de verdadeiros servidores públicos? Pode-se especular com todas as maledicências, mas essa é a direção. O que é a nova Confederação Nacional dos Metalúrgicos senão o início do desmonte da velha estrutura sindical ornamental? O cartório da informática está perdendo força fisiológica com a entrada do novo ministro e com a intervenção presidencial saneadora. Os grupos internos da SEI, que reinterpretavam a legislação preconceituosamente ou na base do "criar dificuldades para vender facilidades", foram barrados e agora a lei será aplicada até o seu esgotamento num setor vital ao desenvolvimento tecnológico. E o que falar do pacto antiinflacionário em curso? É a iniciativa de líderes sindicais e empresários modernos, com intelectuais atualizados, abrindo caminhos para o novo Brasil que quer nascer e não renuncia à sua vocação de grandeza, primeiro-mundista.

Na política os nossos eternos salvadores da pátria estão inseguros, com medo do ridículo. Os especuladores estão receosos de nos trocarem pela velha e pouco promissora Suíça. A Bolsa está doidinha para crescer! O passo do "quanto pior melhor" está devagar. Até a inflação está com medo do Brasil.

Aposto dez novilhas contra um boi velho de corte como nós vamos chegar lá.

Aloysio Azevedo é pós-graduado de Política na Universidade de São Paulo e consultor sindical.